HEIDEGGER E O *SOFISTA* DE PLATÃO

Anastácio Borges de Araújo Junior*

Resumo: Entre os vários pensadores que, no panorama filosófico atual, retomaram a Antigüidade, Martin Heidegger, seguramente, ocupa uma posição de destaque. Ainda que muitas de suas interpretações acerca do pensamento antigo sejam controversas entre os especialistas, parecem incontornáveis muitas de suas lições e seminários. Nosso trabalho tomará como tema as lições de Heidegger, ocorridas durante o semestre de inverno [1924 – 1925], acerca do diálogo *Sofista* de Platão. O Mestre de Fribourg deixa explícito na sua exegese do diálogo *Sofista*, e isto parece aplicar-se a suas interpretações dos textos da tradição filosófica em geral, que ele não tem uma intenção histórica, na medida em que ele parece não se preocupar em reconstituir o pensamento platônico, mas antes, seguir o trabalho do pensamento, desobstruir suas tendências imanentes, pensar ao lado do texto e assim tentar elucidá-lo. Nosso trabalho procurará caracterizar a exegese heideggeriana acerca do *Sofista* de Platão, a partir de uma dupla perspectiva: por um lado, mostrar que suas interpretações acerca do pensamento antigo parecem, do ponto de vista daquilo que estudamos e investigamos na história da filosofia, discutíveis, para não dizer inaceitáveis, e, por outro lado, essas mesmas interpretações, do ponto de vista filosófico, parecem revigorar os textos antigos ao atualizar seus conceitos.

---

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), doutorado em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
E-mail: abaraujojr@uol.com.br

Anastácio Borges de Araújo Júnior

HEIDEGGER AND PLATO'S SOPHIST

Abstract: *Among the various thinkers who, in contemporary's philosophical panorama, resume antiquity, Martin Heidegger certainly occupies an outstanding position. Although many of his interpretations about ancient thinking are controversial among specialists, several of his lessons and seminars are unquestionable. Our work deals with Heidegger lessons about Plato's* Sophist *occurred in the winter semester of* 1924-1925*. He makes it clear in his exegeses of the* Sophist's *dialogue, which might be applied to his interpretations of the philosophical tradition in general, that he doesn't have a historical intention, for he is not concerned about the reconstruction of the platonic thinking. He rather wishes to follow its reasoning, to clear off its immanent tendencies and to think with the text in an attempt to elucidate it. Our work attempts to characterize Heidegger's exegeses on Plato's* Sophist *from a double perspective: on the one hand, considering our studies and investigation of the history of philosophy, we will show that his interpretations of ancient thinking are unacceptable, on the other hand, these same interpretations, from a philosophical point of view, seem to bring new vigor to ancient text by updating its concepts.*

1. Introdução

Martin Heidegger ocupa, seguramente, uma posição de destaque no panorama filosófico, entre os vários pensadores que retomaram a Filosofia Antiga. Basta lembrarmos de alguns dos trabalhos significativos[1] de Heidegger que foram elaborados a partir do pensamento Grego. Em nossa comunicação abordaremos o registro das lições de Heidegger, ocorridas durante o inverno de 1924 - 25, acerca do diálogo *Sofista* de Platão. Tomaremos este curso para discorrer sobre a abordagem heideggeriana ao diálogo platônico segundo uma dupla perspectiva: por um lado, algumas de suas interpretações acerca do

[1] Entre os trabalhos de Heidegger sobre o pensamento antigo, destacamos as suas Lições de Marbourg (*Conceitos Fundamentais da Filosofia Aristotélica* [1924], *Sofista de Platão* [1924 - 1925] e *Conceitos Fundamentais da Filosofia Antiga* [1926]), suas Conferências e Seminários (*A Doutrina Platônica da Verdade* [1931 - 1932, 1940], *A physis em Aristóteles* [1939 - 1940] e *Hegel e os Gregos* [1958]) bem como outros de seus Escritos (*Parmênides e Heráclito* [1942 – 1943] e *Heráclito* [1970]).

pensamento antigo que parecem, do ponto de vista daquilo que estudamos e investigamos na história da filosofia, discutíveis, para não dizer inaceitáveis, e, por outro lado, essas mesmas interpretações, do ponto de vista filosófico, parecem revigorar os textos antigos ao atualizar seus conceitos.

Assim, retomaremos a *preparação histórico-hermenêutica* contida na consideração preliminar ao curso sobre o Sofista, tomando-a como um exemplo, relativamente simples, para analisá-la segundo essas duas perspectivas, quer dizer, histórica e filosófica. Ou seja, mostraremos como Heidegger, ao eleger o pensamento de Aristóteles como fio condutor para investigar os diálogos platônicos[2] , parece, por um lado, desconsiderar o contexto histórico a partir do qual Platão escreveu seus diálogos e, resultante desse fato, veremos um encobrimento de algumas diferenças essenciais entre o pensamento de Platão e Aristóteles, porém, por outro lado, como analisaremos em seguida, mostraremos que tal abordagem assumida por Heidegger visa à retomada no momento presente, a partir de seu próprio *filosofar*, de temas fundamentais da filosofia a partir do modo como estes foram desenvolvidos na Antiguidade.

No extremo, tentaremos mostrar que a confrontação dessa dupla análise da preparação hermenêutica heideggeriana apontará para a tensão constante entre a filosofia e sua própria história, ou seja, a filosofia que para manter-se viva, pelo ato de pensamento do filósofo, terá que se apropriar, ativamente, de

---

[2] Dizemos *diálogos platônicos*, pois a intenção inicial de Heidegger era desenvolver um curso sobre o *Sofista* e o *Filebo*, mas o curso ficou incompleto e se restringiu ao *Sofista*. Ver nota 1 p. 18, *in* HEIDEGGER, Martin. *Platon: Le Sophiste*. Traduit de l'allemand par Jean-François Courtine, Pascal David, Dominique Pradelle e Philippe Quesne. Paris: Gallimard, 2001. As citações são traduções nossa da versão francesa do texto; doravante citaremos a abreviação *XIX* que corresponde ao volume em que foi publicado o estudo sobre o *Sofista* na *Gesamtausgabe* ("obra completa") publicado por Vittorio Klostermann em 1992. É possível que Heidegger tenha deixado o *Filebo* para ser explorado por seu aluno Gadamer em sua tese de filosofia. Ver sobre este último ponto STEIN, Ernildo. *"Heidegger e Platão"*, *in Veritas*, Porto Alegre, Volume 49, No.1, pp. 23-30, 2004.

sua própria história. Em tal apropriação, surge, sempre, a problemática da *objetividade* da própria história da filosofia. Na conclusão, indicaremos, ainda, como toda nossa análise parece ter relações com o diálogo Sofista de Platão. Antes de passarmos à nossa dupla análise da *preparação histórico-hermenêutica* apresentada por Heidegger, vamos reconstruir a consideração preliminar do curso sobre o *Sofista*, em suas articulações básicas.

2. A dupla preparação heideggeriana

Os anos de 1920 são marcados por um certo interesse de Heidegger pelos gregos tal como encontramos expresso nos seus cursos. A tarefa da filosofia seria, então, desencavar as raízes gregas da história da filosofia ocidental para reencontrar a vitalidade dos conceitos originários que descreveriam experiências humanas fundamentais. Neste sentido, Heidegger teria descoberto em Aristóteles, nos seus estudos anteriores, temas centrais que só seriam desenvolvidos em *Ser e Tempo*. O curso sobre o *Sofista* significa, então, uma certa aplicação desses conceitos encontrados nos estudos sobre Aristóteles à obra de Platão. O curso sobre o Sofista é precedido por uma *consideração preliminar*[3] que tem como tarefa justificar essa abordagem heideggeriana: partindo do livro VI da Ética à Nicômaco de Aristóteles, quer dizer, orientado pelo modo de ser do homem na sua relação com a verdade, ἀληθεύειν, Heidegger buscará conceitos fundamentais tais como *ser* e *não-ser, verdade* e *aparência, conhecimento* e *opinião*. Esta consideração preliminar ao curso sobre o *Sofista* pode ser compreendida, então, como espécie de descrição metodológica que se estrutura numa dupla preparação: *fenomenológico-filosófica* e *histórico-hermenêutica*.

[3] Ver a *consideração preliminar* in **XIX**, pp. 17-28.

A abordagem *fenomenológico-filosófica* significa, inspirado no método fenomenológico de Husserl, ganhar uma posição na qual se possa olhar para as coisas mesmas, se ater ao fenômeno, deixar e fazer ver o fenômeno e, nas palavras de Heidegger, *"fenômeno designa o ente tal qual ele se mostra"*[4] . Assim, Heidegger adota esse método científico para nos chamar filosoficamente para retomar o diálogo platônico, nos dobrar sobre ele, *"deixar falar o* Diálogo *puramente por ele mesmo"*[5] e, finalmente, interpretá-lo para elucidar aquilo que é especificamente grego nesse diálogo.

A aproximação *histórico-hermenêutica* visa, por sua vez, penetrar no trabalho efetivo de Platão, abrir uma via de acesso ao diálogo. Para essa tarefa de interpretação é preciso um fio condutor, para tal, Heidegger, diferente das interpretações habituais que retomam Platão a partir do contexto dos Pré-socráticos e de Sócrates, sugere, de modo surpreendente, um caminho outro, um caminho inverso que vai de Aristóteles até Platão. Porém, Heidegger não vê nada de extraordinário no seu encaminhamento, pois acredita que ele segue um antigo princípio hermenêutico: *"deve-se ir do mais claro ao mais obscuro"*[6] . Em seguida, complementa Heidegger:

> "Nós partimos da hipótese que Aristóteles compreendeu Platão. Mesmo aquele que só conhece Aristóteles de longe vê bem, a medida em que o trabalho termine, que não é temerário pensar que Aristóteles compreendeu Platão. Da mesma forma que é permitido dizer em geral, se tratando da questão do compreender, que os que vêm depois compreendem sempre melhor seus predecessores que esses se compreenderam eles mesmos. É justamente nisso que reside o elemento fundamental de toda investigação criadora, que ela não se

[4] *Ibid.*, p. 18. *"Le phénomène désigne l'étant tel qu'il se montre* (…)*".*
[5] *Ibid*., p. 217. *"* (…) l*aisser parler le Dialogue purement pour lui-même".*
[6] *Ibid*., p. 21. *"*(…) *on doit aller du plus clair au plus obscur".*

> compreende por ela mesma naquilo que ela possui de decisivo. Se nós queremos penetrar na filosofia platônica, nós o faremos tomando por fio condutor a filosofia de Aristóteles. Isso não implica nenhum julgamento de valor sobre Platão. Isso quer dizer simplesmente que Aristóteles reelaborou de maneira mais radical e mais científica aquilo que Platão lhe forneceu. Assim, Aristóteles deve nos preparar para Platão, nos indicar a direção que leva a problemática específica dos dois Diálogos de Platão, o *Sofista* e o *Filebo*"[7].

O Mestre de Fribourg deixa explícito, na preparação para a exegese do diálogo *Sofista*, que Aristóteles fará a mediação entre nós e os diálogos de Platão, pois, acredita que o estagirita teria compreendido Platão. Quer dizer: Aristóteles reelaborou o legado de Platão de modo mais radical e científico e, se as coisas foram dessa maneira, por ele ter avançado em relação a Platão, estaria numa posição privilegiada que facilitaria nossa compreensão do diálogo platônico. Devemos, então, examinar o quanto é historicamente problemática a premissa heideggeriana, mostrando como Aristóteles percebe, nos seus textos, a investigação platônica acerca do *não-ser*.

3.Aristóteles como fio condutor para compreensão do *Sofista* de Platão

Antes de analisar os textos aristotélicos, devemos deixar claro que não se trata aqui de sair em defesa de Platão, nem mesmo uma tentativa de valorizar

---

[7] *Ibid.*, p. 21. "Nous partons de l'hypothèse qu'Aristote a compris Platon. Même celui qui ne connaît Aristote que de loin voit bien, à la mesure du travail accompli, qu'il n'est pas téméraire de penser qu'Aristote a compris Platon. De même qu'il est permis de dire en général, s'agissant de la question du comprendre, que les tard-venus comprennent toujours mieux leurs devanciers que ceux-ci ne se sont compris eux-mêmes. C'est justement en cela que réside l'élément fondamental de toute recherche créatrice, qu'elle ne se comprend pas elle-même en ce qu'elle a de décisif. Si nous voulons pénétrer dans la philosophie platonicienne, nous le ferons en prenant pour fil conducteur la philosophie d'Aristote. Cela n'implique aucun jugement de valeur sur Platon. Ce que dit Aristote est ce que Platon lui a fourni, simplement réélaboré de manière plus radicale,

Platão em oposição a Aristóteles. Devemos advertir, ainda, que não gostaríamos também de estabelecer uma escolha hermenêutica prévia, como por exemplo, se nos baseássemos em Schleiermacher que, como sabemos, defende que cada escritor é seu melhor intérprete e que tentar compreender Platão melhor do que ele mesmo expressa uma imaturidade[8]. O que visamos é problematizar a posição hermenêutica heideggeriana a partir do texto aristotélico. Vejamos.

Aristóteles olha com reservas a escola Eleata que, por sua vez, teria negado a possibilidade da multiplicidade e da mudança a partir da forte lógica argumentativa do poema de Parmênides. Na *Física*, afirma Aristóteles:

> "Com efeito, os primeiros que fizeram a filosofia, buscando a verdade e a natureza dos entes (das coisas que são), se desviaram <do caminho correto> impulsionados para outro caminho por sua inexperiência, dizendo que nenhum dos entes (das coisas que são) vem a ser nem desaparecem, pois aquilo que vem a ser é necessário que advenha seja a partir de um ente (do ser), seja de um não-ente (do não-ser), e que é impossível um e o outro. Com efeito, <eles dizem> que o ente (aquilo que é) não pode vir a ser pois que já é e que do não-ente (aquilo que não é) nada poderia provir..."[9].

---

plus scientifique. / Ainsi Aristote doir nous préparer à Platon, nous indiquer la direction qui mène à la problématique spécifique de deux Dialogues de Platon, le Sophiste et le Philèbe".

[8] SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Trad. Georg Otte. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 31 (Travessias).

[9] ARISTOTE. *Physique,* I. 8, 191a24-a31. 2ª Ed. Traduction et présentation par Pierre Pellegrin. Paris: Flammarion, 2002, p. 107-108. Tradução livre nossa do francês, parêntesis nossos para uma maior clareza nos termos colocados pelo poema de Parmênides. Doravante *Phys.*, acompanhado de referência. *"En effet, les premiers qui firent de la philosophie, en cherchant la vérité et la nature des étants s'écartèrent <du droit chemin> comme poussés sur un autre voie par leur inexpérience, disant qu'aucun des étants ni n'advient ni ne disparaît, du fait qu'il est nécessaire que ce qui advient advienne soit d'un étant soit d'un non-étant, et que c'est impossible de l'un ou de l'autre. En effet, <ils disent> que l'étant ne peut advenir puisq'il est dejá et que du non-étant rien ne peut advenir…*".

Aristóteles mostra que Parmênides e os eleatas, de maneira geral, se desviaram da verdade por seguirem um raciocínio enganoso, pressionados pela inexperiência (ἀπειρίας), pela falta de conhecimento, tomaram o caminho do erro. Aristóteles irá considerar que as aporias advindas do poema de Parmênides são conseqüências enganosas de um problema mal colocado. Platão e os platônicos estão entre aqueles que serão conduzidos ao erro por considerar seriamente o problema proposto pelos eleatas. Vejamos como o estagirita, no livro N da *Metafísica*, transfere o falso problema que encontrou no pensamento de Parmênides para a falsa solução apontada pelos platônicos:

> "São muitas as razões que desviaram esses pensadores (isto é, os platônicos), levando-os a admitir essas causas; mas a razão mais forte é que caíram em incertezas arcaicas. Acharam, pois, que todas as coisas que são haveriam de ser um, o ser em si, se não fosse resolvido e refutado o argumento de Parmênides: "nunca conseguirás impor ser ao não ser". Por isso consideraram, então, ser necessário provar que o *não-ser* é. Assim, pois, todas as coisas que são haveriam de ser a partir do *ser* e de *algo outro*, se são muitos. (...) Mas é absurdo e mais, é impossível que uma única natureza produza alguma causa através da qual o ser é, num sentido substância, noutro, quantidade, noutro, qualidade e noutro, ainda, lugar. Depois, a partir de quais *não-ser* e *ser* haveriam de ser as coisas que são?"[10].

Aristóteles critica a teorização dos platônicos, na medida em que eles colocaram o problema de uma "maneira antiga" (ἀρχαικως)[11]. Herdeiros diretos

---

[10] ARISTÓTELES. *Metafísica*, N 2, 1088b35-1089a16. Texto Grego com Tradução de Marcelo Perine da versão Italiana de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002. Doravante simplesmente *Met.* acompanhado de referência. Citações com ligeiras modificações; parêntesis e negritos nossos.

[11] *Met.*, N 2, 1089a2.

do "argumento de Parmênides" (τῷ Παρμενίδου λόγω)[12], temiam pelas conseqüências desse argumento, ao reduzir todas as coisas que são à unidade do *ser* e julgaram necessário mostrar que o *não-ser*, era, de alguma maneira. Desse modo, segundo Aristóteles, os platônicos fazem do *não-ser* "algo outro" (ἄλλου τινός)[13] que o *ser*, mas que, junto com este mesmo *ser*, formariam os princípios a partir dos quais todas as coisas são. Aristóteles rejeita a solução platônica, antes, rejeitando o problema colocado pelos eleatas. Em outros termos, o problema que os platônicos pensavam ter visto, era, segundo Aristóteles, resíduo aporético, oriundo da grade conceitual ultrapassada e herdada de Parmênides, grade esta que impunha seus próprios limites ao pensar e que Aristóteles supõe ter superado, ao fragmentar os sentidos do *ser* nas suas diversas categorias.

Nas injunções de Parmênides, enquanto Platão via um problema ontológico que necessitava de superação, Aristóteles reduzia estas mesmas injunções a um problema de linguagem. Aristóteles reconhece que o *não-ser* era um problema para os platônicos e que a excludente lógica dos eleatas – *é* ou *não é* – exigia, para aqueles que a consideravam, seriamente, uma resposta eficaz que justificasse os seres múltiplos e errantes da experiência sensível.

A questão que se coloca é saber como Heidegger supõe que Aristóteles poderia ser um fio condutor para compreendermos o diálogo *Sofista* de Platão, diálogo que investiga *o ser do não-ser*, se o estagirita rejeita a problemática eleata e, conseqüentemente, a solução platônica? Ou ainda, será aceitável que Heidegger, para garantir uma suposta unidade que atravesse todo pensamento metafísico grego, desenvolva uma interpretação encobridora das diferenças de concepção de *não-ser* (e de *ser*) entre Platão e Aristóteles?

---

[12] *Ibid.*, N 2, 1089a3-1089a4.
[13] *Ibid.*, N 2, 1089a6. Provavelmente, uma referência ao diálogo *Sofista*; ver *Soph.*, 257b4 e ss..

Deixemos de lado essas questões e vamos à analise da interpretação heideggeriana segundo a perspectiva filosófica, isto é, observar mais de perto as motivações filosóficas de sua abordagem explorando mais, detalhadamente, a sua preparação *histórico-hermenêutica*.

4. Heidegger e a busca do confronto com o pensamento de Platão

Logo no início de sua preparação histórico-hermenêutica, Heidegger diz: "O passado ao qual essas Lições buscam um acesso não está em nada separado que o manteria longe de nós, pois esse passado, é nós mesmos"[14]. Em seguida, esclarece Heidegger, que esta frase deve ser tomada não no sentido que somos amigos da Antiguidade Clássica, mas no sentido que nossa filosofia e nossa ciência vivem dos fundamentos da filosofia grega. Quer dizer, para Heidegger o passado não é algo que devemos manter intacto e distante, ao contrário, respeitar o passado é torná-lo vigente, trazê-lo para o vigor do tempo presente, implicado aí sua relação com o futuro. Por isso, para Heidegger "compreender a história não pode significar nada de outro senão nos compreender nós mesmos"[15] e para isso, é necessário nos reconhecer como devedores desse passado. A possibilidade autêntica de sermos a própria história está em nos reconhecermos devedores da tradição, assumindo essa tradição e reinterpretando-a.

Heidegger poderia nos questionar: mesmo na hipótese de termos acesso direto ao texto platônico, mesmo se soubéssemos a intenção própria de Platão, qual seria a outra utilidade desse acesso senão apropriar-se daquilo que foi pensado tendo em vista a sua função filosófica na situação atual?

---

[14] **XIX**, p. 20. "*Le passé auquel ces Leçons cherchent un accès n'est rien de séparé qui se tiendrait loin de nous, car ce passé, c'est nous-mêmes*".
[15] *Ibid.*, p. 20. "*Comprendre l'histoire ne peut signifier rien d'autre que nous comprendre nous-mêmes…*".

Heidegger tinha claro que nos diálogos de Platão encontravam-se conceitos fundamentais da filosofia grega, porém, Heidegger também acreditava que tais conceitos ainda não estavam suficientemente claros nem livres de ambigüidades, tais "como gigantes vindos da noite"[16] , para utilizar a sugestiva imagem de Ernildo Stein. As investigações que Heidegger tinha realizado, anteriormente, sobre Aristóteles tinham apontado para a relação entre o λόγος e ἀληθεύειν e para o modo de ser do homem como *ser-no-mundo*, temas esses que serão confrontados com o diálogo Sofista de Platão. Neste sentido, o pensamento de Aristóteles era imprescindível, para Heidegger, como mediador para a leitura do diálogo platônico, pelo fato de nele encontrarmos desenvolvidos esses conceitos que serão fundamentais na sua obra *Ser e Tempo*. Deste modo, podemos compreender a originalidade heideggeriana ao abordar os diálogos de Platão através das investigações aristotélicas.

Anos mais tarde, na *Introdução à Metafísica*, Heidegger refere-se ao seu modo de interpretar os textos da tradição e às reverberações de seu método:

> "Para a opinião comum e hodierna, de fato, o que deixamos dito é apenas um resultado da violência e unilateralidade, já proverbiais, dos métodos e processos hermenêuticos de Heidegger. Todavia é o caso de se poder e dever perguntar: Qual a interpretação é a verdadeira? Aquela que simplesmente aceita a perspectiva de sua compreensão, por já se encontrar nela, e se lhe afigurar evidente e comum, ou então essa outra, que põe em questão, desde seus fundamentos, a perspectiva habitual, por ser possível e real, que tal perspectiva não permita, de forma alguma, a visão do *que* se tem de ver?" [17] .

---

[16] Ver STEIN, Ernildo. *Op. cit.*, p. 24.
[17] HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica.* Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966, p. 254.

A hermenêutica heideggeriana visa mostrar aquilo que se tem de ver e que a própria tradição cumpriu o papel de encobrir, dissimular. Este encobrimento foi o destino da civilização ocidental, não como um caminho errôneo antes como destino, caminho que sobrevém como possibilidade. O caminho para o pensamento de Platão, passando pela filosofia de Aristóteles, visa descortinar aquilo que restou encoberto. Pensar exige uma radicalidade de se pôr na fonte do pensar, a filosofia grega é para Heidegger a fonte do pensamento. Neste sentido, pensar é confrontar-se, e o meio que Heidegger encontrou para confrontar-se com Platão foi, decididamente, via Aristóteles. Reside aí, claro, antes, a cumplicidade interpretativa que Heidegger acreditou ter encontrado em Aristóteles. E Aristóteles está entre os pensadores que mais determinaram o modo de filosofar de Heidegger. Para concluir, resta-nos, ainda que brevemente, examinar a tensão, sempre presente, entre a filosofia e sua história.

5.A tarefa da filosofia e sua história

A história da filosofia[18] , pela natureza mesma da filosofia, encontra como desafio, desde muito, a sua pretensão de objetividade. Diferente de outras áreas do conhecimento, o historiador da filosofia se depara com o problema de que aquilo que ele estuda está sob a forma de conceitos racionais que precisariam ser legitimados novamente, junto com os princípios de onde derivam, pela razão do historiador. Assim, o historiador teria, sempre, que se confrontar com duas possibilidades: considerar o texto filosófico como algo dado, reduzindo-o à categoria de factual, o que acarretaria em aniquilar o que há de filosófico no

[18] Aqui nos apoiamos num texto de Aubenque no qual ele examina a relação entre a filosofia e sua história. AUBENQUE, Pierre. *"A História da Filosofia é ou não filosófica? Sim e Não". In* **Princípios**, Natal, Ano 5, No. 6, 1998, pp. 173-190.

texto, ou interpretá-lo, compreender as razões do texto e, então, correr o risco e assumir a responsabilidade de ser juiz daquilo que irá transmitir.

Certamente, todos nós, pesquisadores e historiadores da filosofia, estamos, constantemente, interpretando a tradição filosófica, buscando, através dela, compreender os problemas que nos interpelam. Neste sentido, a história das ciências é diferente da história da filosofia, pois, se aquela é história das coisas que se sucederam, essa nos estimula, certos ou errados, pelo seu valor de atualidade. Como observou com precisão Pierre Aubenque:

> "Ora, quem quer que seja que aborde os gregos, procurando neles (quer seja com o temor ou a esperança de encontrá-los ali) objetos, sujeitos (no sentido de subjetividade moderno), funções proposicionais (no sentido de Frege) e a realidade (no sentido, mesmo se a esquecemos, da realitas de Suarez), comete anacronismos, intervém no texto que interpreta com princípios, pressuposições, que são os de sua própria filosofia; violenta, portanto, o texto interpretado, na medida em que não o repete, não pode repeti-lo, mas como dizia Kant, "critica-o". Mas então, com que direito censurar Heidegger por exercer sobre os textos uma outra 'violência" do tipo, dessa vez, arcaizante?" [19].

No limite, todos nós "profanamos" o texto ao interpretá-lo, pois como poderia ser de outro modo? Como poderíamos ser neutros diante daquilo que só poderá se relacionar conosco através de uma interpretação?

Para concluir, gostaria de dizer que toda a nossa análise relaciona-se em dois pontos com o diálogo Sofista de Platão. No primeiro, porque a problemática central do *Sofista* é determinar o que é falso, e como é possível tal discurso, logo, determinar o lugar da verdade. Nesse sentido, a grande dificuldade filosófica

---

[19] AUBENQUE, Pierre. *op. cit.*, p. 183.

é estabelecer, objetivamente, qual é o discurso fidedigno. No segundo ponto, que nossa análise se liga ao *Sofista*, é que, provocando a nós mesmos platônicos, gostaria de lembrar-lhes que o primeiro texto, que temos registro, que inaugura a história da filosofia e constitui-se numa interpretação é, curiosamente, o diálogo Sofista de Platão. Nele, o Estrangeiro de Eléia retoma as filosofias pré-socráticas, inventa a escola Eleata[20], passa por cima das diferenças entre Xenófanes, Parmênides, Zenão e Melisso, para, de certo modo, reexaminar as teses de Parmênides, estabelecendo o *ser do não-ser*. Platão, pelo menos neste segundo ponto, se estivesse vivo, provavelmente, estaria ao lado de Heidegger, criando uma nova γιγαντομαχία τῆς οὐσιας[21] (uma nova batalha em torno do ser). Se nossa interpretação for plausível, o que temos que reconhecer é que Platão e Heidegger podem ter cometido alguns deslizes históricos, mas, se isto foi feito, foi por uma causa que consideraram mais nobre: conceder vida à filosofia.

Referências Biográficas

ARISTOTE. *Physique*. 2ª Ed. Traduction et présentation par Pierre Pellegrin. Paris: Flammarion, 2002.

ARISTÓTELES. Metafísica. Texto Grego com tradução de Marcelo Perine da versão Italiana de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

AUBENQUE, Pierre. *"A História da Filosofia é ou não filosófica? Sim e Não". In*: *Princípios*, Natal, Ano 5, No. 6, 1998, pp. 173-190.

CORDERO, Nestor-Luis. *"L'invention de l'ecole éléatique: Platon, Sophiste***,** 242d", *In*: AUBENQUE, Pierre (org.). Études sur le Sophiste de Platón. Naples: Bibliopolis, 1991, pp. 91-124.

---

[20] CORDERO, Nestor-Luis. "*L'invention de l'ecole éléatique:* Platon*, Sophiste***,** *242d*", *in*: AUBENQUE, Pierre (org.). *Études sur le Sophiste de Platón***.** Naples: Bibliopolis, 1991, pp. 91-124.

[21] Soph., 246 a4-a5. Invertemos aqui a interpretação de Stein que considera que Heidegger, ao encontrar Platão, o faz para participar da *gigantomaquia tes ousias*. STEIN, Ernildo. *op. cit.*, p. 30.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica.* Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

HEIDEGGER, Martin. Platon: Le Sophiste. Traduit de l'allemand par Jean-François Courtine, Pascal David, Dominique Pradelle et Philippe Quesne. Paris: Gallimard, 2001.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos diálogos de Platão.* Trad. Georg Otte. Belo Horizonte: UFMG, 2002 (Travessias).

STEIN, Ernildo. *"Heidegger e Platão". In*: *Veritas,* Porto Alegre, Volume 49, No.1, 2004, pp. 23-30.